

## A donzela irmã de Persival: a heroína do Graal

Prof. Ms. Alessandra F. Conde da Silva

Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA)

[afcs77@hotmail.com](mailto:afcs77@hotmail.com)

### Resumo

A proposta deste artigo é discutir sobre a participação da irmã de Persival n'A *Demanda do Santo Graal*, personagem que auxilia Galaaz nas aventuras que o conduzirão ao Santo Cálice, apresentando tanto sabedoria, eloquência, quanto força, ainda que não seja guerreira, e total abnegação à causa da *Demanda*.

Palavras- chave: *A Demanda do Santo Graal*; A irmã de Persival; Heroína.

### Abstract

The purpose of this article is to discuss the participation of Persival's sister in *A Demanda do Santo Graal*, charact who helps Galaaz in the adventures in which conduct him to Santo Cálice, presenting knowledge, eloquence as well as strength, altought not a fighter, she showed total dedication to the cause of *Demanda*.

Key-words: *A Demanda do Santo Graal*; The Persival's sister; Heroin.

## 1- Introdução

Neste artigo, buscaremos discutir sobre a participação da donzela irmã de Persival n<sup>a</sup> *A Demanda do Santo Graal (DSG)*<sup>1</sup>, personagem que auxilia Galaaz nas aventuras que o conduzirão ao Santo Cálice. Sobre suas ações e comportamento há o reflexo de normas comportamentais para mulheres. Muitos textos foram produzidos voltados à pedagogia feminina no Medievo (Dalarun 1990: 29). Na Demanda, muitos exemplos foram desenhados, tanto para homens, quanto para mulheres. Estes personagens atenderam às mais altas posições sociais. Segundo Carla Casagrande, ao falar sobre as mulheres na Idade Média, sobretudo, a partir do século XII,

rainhas, princesas e damas têm, aos olhos dos pregadores e moralistas, a possibilidade de se tornarem exemplo concreto e modelo vivo para todas as mulheres, porque a posição de superioridade social que Deus lhes concedeu obriga-as, como escreve Humberto de Romans, a um respeito mais rigoroso das normas morais (1990: 108).

Um comportamento exemplar pode ser visto na história da donzela irmã de Persival. Sua piedade, compostura, docilidade, subserviência, abnegação e alto sentimento de honra são registros peculiares de uma filha de rei e de rainha, cujo desejo de aventura e inquietações para sempre se portar com honra tornam-na uma personagem exemplar.

Interessa-nos, todavia, não abordar questões sobre a representação desta personagem como modelo que atenda à causa religiosa, mas, de fato, reconhecer na donzela irmã de Persival, sua inclinação a ser uma personagem heroica. Há uma aproximação da máxima medieval sabedoria e força, referente aos heróis, com a história extraordinária da donzela tecelã, como será visto.

Em geral, costuma-se dividir as personagens femininas d'*A demanda do Santo Graal* em boas ou más, ou seja, as que corroboram o bom andamento da demanda do Graal e as que fazem desvirtuar os cavaleiros de sua missão (Santos 2001: 12). A donzela irmã de Persival é um exemplar do primeiro tipo: é a adjuvante do herói do Graal. Sem ela, Galaaz não poderia realizar alguns de seus trabalhos heroicos. É a única personagem que auxilia o cavaleiro eleito em toda a sua trajetória modelar.

## 2- E a donzela chamou: “Galaaz! Galaaz!”

Em uma ermida, Galaaz e um ermitão dormiam até serem acordados por uma estranha donzela de rosto encoberto por um véu, pedindo ao cavaleiro que a acompanhasse. É assim que começa a aventura da donzela irmã de Persival e Galaaz. Nas palavras da moça:

Galaaz! Galaaz! (...) Eu quero, disse ela, que filhedeis vossas armas e subades em vosso cavalo e que vaades pós mim u vos eu quiser levar, e eu vos digo que vos mostrarei mui cedo a mais freiosa nem a maior ventura que nunca viu cavaleiro em vosso tempo. E vós lhe daredes cima, se Deus quiser (*DSG* 1995: 300).

Esta é a primeira enunciação da inominada<sup>2</sup> donzela irmã de Persival d'*A demanda do Santo Graal* destinada diretamente ao cavaleiro do Graal. Os episódios em que ela aparece nos parece permitir ver na personagem um caráter de protopersonagem heróico feminino. A primeira referência a esta personagem feminina é em relação a uma

ilha de origem da donzela, chamada “ínsoa da irmã de Persival”, lugar que Erec, o cavaleiro que nunca mentia, já havia visitado (DSG 1995: 225). O conto algumas vezes permite-nos compreender que a donzela era muito conhecida. No momento de sua revelação, isto é, quando ela descobre o rosto no episódio das *Estranhas Correias*, há a indicação de que os demais cavaleiros já a tinham visto e não somente seu irmão: “Grande foi o prazer que todos houverom com a irmã de Persival ca muito havia gram tempo que a nom viram” (DSG 1995: 315).

Traçaremos as aventuras da donzela desde o momento em que encontrou Galaaz na ermida até a sua morte<sup>3</sup>. O início da aventura da donzela e de Galaaz diz respeito à cura de uma “dona sandia”. É a donzela quem conduz o cavaleiro à mulher doente para que este a curasse (DSG 1995: 301). A princípio, esta foi a razão da busca por Galaaz. Em seguida, também por intermédio da moça, ocorreu a cura da leprosa (DSG 1995: 305). Havia, ainda, as precisas indicações sobre quais caminhos tomar e quais ações deveriam ser realizadas pelo cavaleiro (DSG 1995: 310) e a sua participação em outros três episódios: o episódio da espada e das “Estranhas Correias” (DSG 1995: 314), tecida pelos cabelos da donzela; o episódio do castelo que estava sobre o mar (DSG 1995: 319), cuja participação da donzela se dá de forma indireta, ou seja, é o seu sequestro por cavaleiros maus que conduzem os cavaleiros a livrarem o conde Arnalt de grande sofrimento; e o episódio da morte da donzela em favor de uma má senhora (DSG 1995: 327).

### 3- Sabedoria e força: a heroína do Graal

Cada uma das aventuras em que a irmã de Persival participa, parece-nos revelar que ela tinha um conhecimento mais claro do que acontecia ao seu redor. O conto não nos revela como ela adquiriu as informações, mas, desde a sua primeira aparição, pode ser vista nela uma atitude destemida e de precisa decisão. Para Isidoro de Sevilha (apud Curtius 1996: 232-233), “(...) denominam-se heróis os homens dignos do céu por sua sabedoria e valor”. Como personagem alegórica<sup>4</sup> cristã, cujo princípio é o de transparecer os valores cristãos e morais, vemos, também, que há a necessidade de obedecer a outros paradigmas como o moral-estamental, segundo a teoria da construção da personagem medieval (Domínguez 2005: 208). A irmã de Persival pode ser considerada uma heroína, pois, assim como Galaaz, tomando de empréstimo a classificação de personagens heroicos de Todorov<sup>5</sup> (1975: 15), ela apresenta “uma superioridade (de grau) sobre o leitor mas não sobre as leis da natureza”, ou seja, é uma heroína do “gênero mimético alto”. Apesar das grandes ações, do alto conhecimento e do comportamento exemplar, a morte lhe foi inerente, como aconteceu também a Galaaz.

Para Curtius, ao comentar sobre a *Ilíada*, havia uma distinção entre o herói sábio e o guerreiro, ou seja, havia uma “virtude heróica” em grau superior e uma “virtude heróica” em grau inferior. No primeiro ponto, sabedoria, eloquência e astúcia são qualidades ideais de um herói em grau superior, considerando que sabedoria e eloquência estão “intimamente ligadas” (Curtius 1996: 229). O segundo ponto é caracterizado pela “ciência do combate ou da batalha; destreza na luta ou no conselho de guerra; perícia numa arma de guerra”. Mas a perfeição do herói ocorreria com a junção da capacidade de “ser eloquente em palavras, e hábil nos feitos” (Curtius 1996: 232). A Idade Média utilizou a fórmula clássica *sapientia et fortitudo*. Assim, seguiu-se o pensamento de que “toda perfeição consiste em força corporal e sabedoria” (Curtius 1996: 232).

No caso da donzela irmã de Persival podemos facilmente ver sua eloquência, sabedoria, prudência e conhecimento, mas a força corporal não é provada. Não há espadas e escudos empunhados pela donzela. Sua força não é mostrada pelas artes do combate, é, antes de tudo, marcada pelo forte sentimento de honra e abnegação à causa cristã, assim como são precisas suas palavras e decisões. Consideremos dois episódios em que a participação da donzela é cabal.

No episódio da *estranha cinta*, estando os cavaleiros e a donzela dentro de uma nave misteriosa, encontrou Galaaz uma espada que somente ele pode sacar da bainha. Abrigava a espada uma cinta que, em contraponto à espada, era “tam pobre como veedes e tam febre que nom poderia sofrer ùi meio dia” (DSG 1995: 314). Este fato maravilhou Persival e de posse de uma carta achada na nave, este contou a Galaaz o mistério de tão rica espada estar guardada de cinta tão pobre:

(...) E esta carta nos diz que lhe há esta cinta seer tirada per filha de rei e virgem e que ela meterá i correas fremosas e apostas e tam ricas como convém a tam rica espada. E convém que as faça da cousa que mais amar em si. E depois converrá que aquesta donzela ponha nome a aquesta espada. Todos esto nos falece que nom sabemos quem é a donzela nem como há nome nem u a podemos achar (DSG 1995: 314).

Em seguida, ocorreu a revelação da identidade da donzela como portadora da *estranha cinta* e como irmã de Persival. A cinta fora tecida com ouro, pedras preciosas, seda e com os cabelos da donzela. Foi para dar cabo à aventura que ela se tosquiu e nisso não achou mal, mas honra (DSG 1995: 315). A abnegação e a força de vontade em prol de um ideal foi o que marcou a vida da donzela.

No segundo episódio, o da doação do sangue a uma senhora infiel, a donzela, novamente se deixa conduzir por princípios cristãos e morais. Havia uma profecia que um dia uma filha de rei e virgem doaria seu sangue e curaria a dona do castelo de costumes estranhos. Para a irmã de Persival, doar o seu sangue era tanto atender a necessidade da senhora, quanto proteger os cavaleiros de novas batalhas contra os demais cavaleiros do castelo. Mais do que isso, era honra sua e de sua linhagem (DSG 1995: 327).

Algo interessante na Demanda é que alguns personagens em seu momento de morte acabam por revelar alguns fatos do futuro. Foi assim com o conde Arnalt. Ao ermitão, ele revela sobre as aventuras amorosas de Lancelot e da rainha e a Galaaz fala acerca do encontro do cavaleiro com o Rei Pescador. O conde Arnalt atesta que “esto lhe manda dizer o Alto Mestre” (DSG 1995: 323). Há outras personagens que recebem informações de uma Santa Voz, como Boorz e Persival na nave misteriosa (DSG 1995: 310) e o Rei Pescador na câmara do Santo Graal (DSG 1995: 452), personagem que desvela os mistérios da Dona da capela, da Besta Ladrador e da Fonte da Guarição. Quanto à donzela irmã de Persival, não há referência concreta sobre alguma voz que lhe tenha revelado algo, como aconteceu aos personagens acima descritos. No entanto, notamos a similaridade com o corrido ao conde Arnalt. Ela, tendo esmorecido por longo tempo por doar o sangue à pecadora, acorda e diz a seu irmão:

- Irmão Persival, eu moiro por saúde desta dona. Rogo-vos que me nom soterrades, mas tanto que for morta levade-me ao porto do mar que daqui achardes mais perto e metede-me em ùa barqueta e leixade-me ir assi como [147, a] a ventura me queira guiar. E eu vos digo que já tam toste nom iredes aa cidade de Sarraz, u havedes de ir depós o Santo Graal, que me vós a pee da torre nom achedes. Entom fazedo tanto por mim e por vossa honra: fazedo-me soterrar no paaço Celestial. E sabede porque vo-lo rogo? Porque dom Galaaz há i de jazer soterrado e vós, irmão, outrossi (DSG 1995: 328).

Se Arnalt indica aos cavaleiros sobre o Rei Pescador, a mulher informa-lhes qual cidade devem chegar para encontrar o Graal e, acima de tudo, sobre o destino de dois dos três cavaleiros e o próprio.

Consideremos um outro ponto. Retornando ao episódio da *estranha cinta*, a donzela mostra ter total conhecimento do que esperar. Ela diz a Galaaz: “Por ela [a espada] vos adusse eu aqui (...)” (DSG 1995: 313). Ela sabia, até mesmo, onde encontrar Galaaz, conforme vimos. Certamente, alguma voz a revelara, ainda que o conto não divise.

Honra e aventuras motivavam bastante a irmã de Persival. Sabemos que os heróis devem ter honra, agir com honra e falar com honra. Para Georges Duby (2009: 105 e 124), a honra é “patrimônio e prestígio do sangue” é, “um capital social que se mantém e que se faz frutificar em conjunto”. Ainda que honra fosse assunto masculino, público, havia a dependência do comportamento feminino, “isto é, do privado. O homem era desonrado pelas mulheres submetidas ao seu poder e, em primeiro lugar, pela sua” (Duby 2009: 91).

No caso da donzela irmã de Persival, a honra não estava ligada ao casamento, ao resguardo do lar, mas, fora do privado, a preocupação da personagem era que suas ações e aventuras lhe trouxessem honra a si à sua linhagem. Já vimos acima que a irmã de Persival assente em doar o seu sangue, não somente para curar a senhora, mas para evitar possíveis mortes dos cavaleiros. No episódio da *estranha cinta*, ela se tosquia porque quer cumprir a “fermosa aventura” (DSG 1995: 315). Sobre a palavra “aventura” (Nunes 1995b: 539), devemos entender “aventura”, além do sentido usual de acontecimento arriscado, feito extraordinário, mas como “sucesso estranho”. É isso o que vemos nas ações da donzela: sucessos estranhos, aventuras que a conduzem à abnegação, ao sofrimento em causa e à honra, como ocorre aos demais cavaleiros do Graal, sobretudo Galaaz.

Notadamente, fazia parte das doutrinas comportamentais para moças a “piedade, pudor [e] honra” (Duby 2009: 291). Se pela pedagogia feminina ou pela consciência de linhagem e desejo por aventura, a donzela no leito de morte pede ao irmão para ser enterrada na cidade Celestial: “Entom fazedo tanto por mim e por vossa honra” (DSG 1995: 328). É à honra do cavaleiro que ela alude. Este, para honrar a linhagem de seu pai, sua e de sua irmã, escreve numa carta todos os feitos da donzela, pois sua história é “patrimônio” de família e “prestígio de sangue” (Duby 2009: 105).

#### 4- Conclusão

Devemos reconhecer, no entanto, que sendo *A Demanda do Santo Graal* uma novela alegórica cristã, cujos valores cristãos são postos em causa (Lausberg 1993: 249), a donzela era motivada pelos mesmos valores, ainda mais porque foi construída para atender a concepção moral-estamental, isto é, por ser donzela e filha de rei deveria ser “ser eloqüente em palavras, e hábil nos feitos” (Curtius 1996: 232).

Quis a ventura que a barca em que fora posta a donzela, num leito digno de rei, chegasse em Sarraz ao mesmo tempo em que chegaram os três cavaleiros (DSG 1995: 455). Galaaz reconhece o valor e a participação da irmã de Persival nas aventuras. Ele mesmo o diz: “Certas, disse Galaaz, a meu ciente nom viera eu aqui se ela nom fosse. Onde vos posso dizer que mais verdadeiramente que viim per ela ca per niüü” (DSG 1995: 310). Após a sua morte, há a preocupação de registrar todas as suas aventuras em uma carta, para que seja honrada por todos quantos conhecerem “sua fazenda” (DSG 1995: 329).

## Bibliografia

### Fontes Primárias

- A *Demanda do Santo Graal*. Edição de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Cada da Moeda, 1995.
- WOLFRAM VON ESCHENBACH. *Parzival*. Translated by A. T. Hatto. London: Penguin Books, 1980.
- ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*. Edición Bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
- CHRÉTIEN DE TROYES. *Perceval ou o Romance do Graal*. Tradução de Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

### Fontes Secundárias

- BUESCU, Maria Gabriela Carvalhão. *Perceval e Galaaz, Cavaleiros do Graal*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.
- DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (ed.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. vl. II. Tradução de Ana Lusa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990, pp. 29-63.
- DOMÍNGUEZ, César. Apuntes para el estudio del personaje medieval. In: *Troianalexandrina: Anuário medieval de materia clasica*, Santiago de Compostela, 5, 2005, pp. 185-225.
- DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (ed.). *História da vida privada. Da Europa feudal à Renascença*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes míticas. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (ed.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. vl. II. Tradução de Ana Lusa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990, pp. 517-591.
- SANTOS, Ana Paula Vieira. *O desejo e a ascese: análise da presença feminina n'A demanda do santo Graal*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, 2001.
- SILVA, Alessandra Fabrícia Conde da. A palavra, o trabalho das agulhas e o choro da donzela irmã de Persival n'A *demanda do Santo Graal* : uma alegoria cristã. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- TODOROV, Tzevetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

### Fontes Terciárias

- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica literária*. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> A *Demanda do Santo Graal* é uma obra do século XV, tradução portuguesa de um texto francês do século XIII (Buescu 1991: 79).

<sup>2</sup> Na obra de Chrétien de Troeys, *Perceval*, a personagem não é mais a irmã de Persival, mas sua prima. Ela censura o herói por este não se inteirar sobre os mistérios do Graal, em seguida, troca-lhe o nome. Será chamado, agora, de Persival o Mísero” (*Perceval* 1992: 71). Na obra de Wolfram Eschembach, *Parzival*, ela também é prima do cavaleiro, mas tem seu nome revelado: Sigune. Em cada uma dessas obras há uma correspondência entre as personagens. Elas servem no texto para auxiliar o herói, exercendo, muitas vezes, a função de oráculo. Como Sigune, envolta em tecidos de luto e com cabelos desganhados (*Parzival* 1980: 133), a prima de Persival (*Perceval* 1992: 72) também passa por seu momento de dor: ambas perdem o noivo. Ela é descrita como “mergulhada em dor”. A irmã de Persival também padece, mas no caso desta personagem, o sofrimento é transformado em alegria, isto é, em razão de uma causa maior. Em nosso entendimento, honra e aventura, ainda que motivadas por causas cristãs.

<sup>3</sup> Em nossa dissertação de mestrado (2008), falamos sobre três ações empreendidas pela donzela em sua tarefa como heroína do Graal: a palavra, o trabalho das agulhas e o choro. No primeiro momento, as palavras da donzela conduzem Galaaz e os demais cavaleiros a muitas aventuras; em muitas vezes vem dela as indicações precisas sobre o que devem fazer os cavaleiros. No segundo momento, como tecelã, a donzela empresta à causa do Graal o que tem de mais precioso, isto é, seus cabelos, e com ele tece a estranha cinta. Além, é claro de nomear a criação. No terceiro momento, o choro, não são lágrimas que a heroína derrama, mas sangue. É por uma pecadora infiel que ela o verte. A doação do sangue, para cumprir o estranho rito do castelo serviu para que os pecadores fossem castigados (*DSG* 1995: 330). Conforme escreveu Cristina de Pisano na sua alegoria *Cité des dames* (apud Régner-Bohler 1990: 533), “foi para chorar, falar, e fiar que deus criou a mulher”.

<sup>4</sup> Construções literárias medievais como a *Demanda*, por exemplo, apresentam um modelo alegórico. Para João Adolfo Hansen (1986: 83), “as novelas de cavalaria relacionadas ao ciclo do Graal... [expressam] peregrinações alegóricas da alma”. O “(...) texto é pretexto para ilustrar uma doutrina”. Tais definições conduziram-nos a apreender a funcionalidade da alegoria, na *Demanda*, enquanto recurso doutrinário, ideológico, que utilizaria uma imagem para refletir seu ideal.

<sup>5</sup> Para Todorov (1975: 15), além da categoria descrita acima, há ainda os heróis que atestam caráter superior em relação ao leitor e à lei da natureza e os que se assemelham com o leitor e não estão acima da lei da natureza, formando o “gênero mimético baixo”.